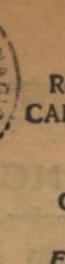


Editor: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 950; Província, 3 me-
ses 2850; África Portuguesa, 6 me-
ses 7000; Estrangeiro, 6 meses 11000.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2284

DIÁRIO DA MANHÃ

ABATALHA



Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-
feiras—Nós devolvemos os originais—Dos
artigos publicados são responsáveis os seus
autores.

DEP. LEG.

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 14 DE MAIO DE 1925

ZANGAM-SE AS COMADRES...

OS BASTIDORES DO ORGÃO DAS FORÇAS VIVAS

**A velha história das accções do "Século" empenhadas no Banco do Continente e Ilhas.
A confirmação das revelações que "A Batalha" fez há quatro meses.—A troca de
favores entre o Banco de Portugal e o grupo Pereira da Rosa—Os serviços que
o Banco de Portugal pagou por 20 contos ao chefe Xavier**

Diz o povo, e com razão: «Zangam-se as comadres descobrem-se as verdades». De-
vemos ter os ouvidos atentos quando os nossos inimigos disputam entre si. E' nessa
oportunidade que lhes descobrimos os podres.

No decurso dos artigos da *Batalha* sobre os meandros escuros, os bastidores, as
intenções inconfessáveis que levaram o *Século* a levantar a campanha contra o Banco
Angola e Metrópole, para melhor explicarmos a atitude dos dirigentes do órgão das «fór-
cas vivas» escrevemos o seguinte:

A Sociedade Nacional de Tipografia é uma sociedade anónima, cujo capital é cons-
tituído por 20.000 accções. Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira pôraram conta do
Século compraram à Portugal e Colónias (Moagem) 15.000 accções que esta possuía.
Era seu intuito distribuir-las, trespassando-as, pelos elementos constitutivos do União
dos Interesses Económicos. Mas como fizeram o negócio com pouco dinheiro, à aven-
tura, não puderam pagar as accções por inteiro e tiveram de empenhá-las, à razão de
100 escudos cada uma, no Banco Português do Continente e Ilhas.

Desta maneira elas possuíam a maioria das accções. Mas, empenhadas, de nada lhes
serviam, porque não podiam apresentá-las para obter maioria nas assembleias gerais da
empresa do *Século*.

Contudo, a-pesar-de empenhadas, Rosa e Oliveira **foram-nas vendendo**. Um
grupo que lá entre elas é denominado «Os Agrários», ao qual pertencem José Maria
Alvares, Fernandes de Oliveira, António de Sousa Fernandes e outros, que vivem em
guerra surda com Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira, conhecendo as manhas destes
reclamaram papel contra dinheiro e compraram cerca de 2.000 accções.

Os dois mandões do *Século* (que o são sem possuírem força para o ser) ficaram re-
duzidos a 13.000 accções que ainda lhes dariam a maioria nas assembleias gerais, se não
estivessem empenhadas.

Mas os outros compradores a quem elas venderam as accções que não tinham na sua
mão, são, em diversas proporções, gente do Banco Ultramarino, Banco de Portugal,
Casa Burnay e Fonseca, Santos & Viana. Estas casas ainda estão à espera que Rosa e
Carlos de Oliveira lhes entreguem as accções que lhes venderam e que elas não têm
dinheiro para desempenhá-las.

Isto escrevemos nós em 6 de Janeiro do corrente ano.

As intenções dos homens do "Século"

Relatando os factos transcritos mostrávamos nítidamente que Pereira da Rosa e Car-
los de Oliveira estando presos a casa Burnay, Banco Ultramarino e outros por compro-
missos que não saldaram, tentavam, caír nas boas graças desses potestados atacando o An-
gola e Metrópole que tanto os incomodava. Quizeram esmagar o Angola e Metrópole.

Por outro lado, os homens do *Século* sentiam-se nas garras do Banco Continente e
Ilhas. Como anular a ação desse adversário? Adulando o Banco de Portugal, compro-
metendo na emissão secreta das notas, poupando-o, criando-lhe um ambiente de simpatia,
atirando ao mesmo tempo a responsabilidade de todos os crimes para o Angola e Metrópole.

A INVASÃO NEGRA

**Um orfanato em Faro que não passa de um
recolhimento religioso onde às crianças são
impostos os conceitos de Loyola**

(Do nosso enviado especial ao Algarve).

FARO, 12.—Ao invés do que exalçam os
próceres do reacionismo lusitano, as
doutrinas de Loiola não encontram ambi-
ente muito próprio no Algarve.

Durante muitos anos esta província foi
fortemente batida pelas ideias libertárias, e
o virus religioso nunca conseguiu produzir
uma obra digna de registo.

Todavia, com a guerra e com as suas fu-
nestras consequências o Algarve amorteceu
um pouco as suas energias e a reacção cle-
rical, mercê desse fenômeno, distendeu os
seus tentáculos.

Depois, com a crise de trabalho e com a
concomitante miséria dos que vivem dum
trabalho, proba a reacção saiu da sua ato-
nia e veio de cidade em cidade exhibindo o
lábio da caridade.

O povo, ingénuo como criança, viu ape-
nas no gesto uma manifestação benemérita.
E a caridade foi-se exteriorizando de mis-
tura com as prédicas religiosas.

Em Faro, por ocasião da pneumónica que
assolou o país, foi instituído um orfanato
que se destinava a recolher os filhos das
vítimas da terrível epidemia.

Os seus organizadores deram-lhe o nome de
Asilo de Santa Isabel. A população, con-
turbada pelo «pneumónia», viu apena-
sos nos asilos.

As crianças quando nos avistaram esbo-
caram um movimento de repulsa. Procuravam
desvair os seus melancólicos rostos,

não nossovermos nás suas expre-
sões o estigma do suplício que lhes era in-
fligido.

Só quando uma senhora que nos acom-
panhava, e que mais tarde soubermos ser
uma das professoras, lhes ordenou o «avan-
tade» as suas fisionomias adquiriram uma
certa alegria.

Em todo o asilo há uma nota predominante: a de que estamos em presença de
uma cela conventual com todos os seus
rigores monásticos.

Num sóbrio quadro, num português cor-
reto, estão explicadas as várias disciplinas
que as educandas são obrigadas a estudar.

A entrada do recolhimento fica a igreja
que rompe a alva.

Como os paradoxos em Portugal atingem o
inverosímil, o asilo a que nos estamos
referindo fomos encontrar um que não pode
ficar em julgado. Expliquemo-lo.

Um dos indivíduos que mais desveladamente
têm auxiliado o recolhimento é o sr.
António Calhau, criatura que se não tem
poupado a esforços. Devido à sua dedicação
o asilo ainda existe hoje, o que não su-
cederia se o concurso do sr. Calhau não se
fizesse sentir.

Quere o leitor saber quem é este sr. Ca-
lhau? E' um espírito liberal que abomina a
igreja, que nutre pelo ensino religioso a
maior das aversões.

Tanto assim é que as fanáticas senhoras
do asilo usam proferir, quais como estri-
bilho, a seguinte frase:

—O sr. Calhau é tão boa pessoa! Pena é
que elas não vá à missa...

O pior é que os liberais se conformam

ziam evocações ridículas, dum ridículo que
nos provocou o riso.

Ponto ao corrente do que constava o «or-
fanato» nasceu em mim um grande anseio
—o de visitar o Asilo.

Mas como transpor o portão desse es-
tabelecimento sem ir mundo de uma apre-
sentação que atestasse que éramos pessoas
muito tementes a Deus?

E quem nos havia de proporcionar naqueles
inquietantes minutos da nossa passagem
pelo recolhimento, chegaria para preencher-
mos uma página do nosso jornal. Limita-
mos-nos, porém, a tornar sintéticas as nos-
sas impressões.

Por todas as dependências, sobre as
casas, dependuradas pelas paredes, as mais
variegadas imagens de santos dão uma nota
real do que é o asilo.

As crianças quando nos avistaram esbo-
caram um movimento de repulsa. Procuravam
desvair os seus melancólicos rostos,

não nossovermos nás suas expre-
sões o estigma do suplício que lhes era in-
fligido.

Só quando uma senhora que nos acom-
panhava, e que mais tarde soubermos ser
uma das professoras, lhes ordenou o «avan-
tade» as suas fisionomias adquiriram uma
certa alegria.

Em todo o asilo há uma nota predominante: a de que estamos em presença de
uma cela conventual com todos os seus
rigores monásticos.

Num sóbrio quadro, num português cor-
reto, estão explicadas as várias disciplinas
que as educandas são obrigadas a estudar.

A entrada do recolhimento fica a igreja
que rompe a alva.

Como os paradoxos em Portugal atingem o
inverosímil, o asilo a que nos estamos
referindo fomos encontrar um que não pode
ficar em julgado. Expliquemo-lo.

Um dos indivíduos que mais desveladamente
têm auxiliado o recolhimento é o sr.
António Calhau, criatura que se não tem
poupado a esforços. Devido à sua dedicação
o asilo ainda existe hoje, o que não su-
cederia se o concurso do sr. Calhau não se
fizesse sentir.

Quere o leitor saber quem é este sr. Ca-
lhau? E' um espírito liberal que abomina a
igreja, que nutre pelo ensino religioso a
maior das aversões.

Tanto assim é que as fanáticas senhoras
do asilo usam proferir, quais como estri-
bilho, a seguinte frase:

—O sr. Calhau é tão boa pessoa! Pena é
que elas não vá à missa...

O pior é que os liberais se conformam

Confirmar-se o que "A Batalha" disse há quatro meses

Mas no dia seguinte o Banco visado publicava, pagando, no *Diário de Notícias* e
em alguns jornais da tarde uma resposta ao aludido *suelto* do qual recordamos—gratuita-
mente—alguns trechos porquanto elas são a confirmação plena do nosso artigo de 16 de
Janeiro a que fizemos alusão.

Diz o comunicado do Continente e Ilhas:

Por esta venda judicial não convinha aos homens do *Século* que a evitaram com ha-
bilidade, como se vê pelo n.º 5 do comunicado que reproduzimos.

1.º—Em 1924 os srs. Carlos de Oliveira, Pereira Rosa e Mosés Amzalak **pediram** ao Banco que garantisse o pagamento de certas quantias relativas à compra, por elas
contratada, de 10.180 accções da Sociedade Nacional de Tipografia.

2.º—O Banco **presiou** a garantia pedida, exigindo, como condição e em penhor da
mesma, a entrega de 10.030 das referidas accções.

3.º—Não tendo os devedores pago à entidade vendedora, nas datas dos respectivos
vencimentos, as duas últimas prestações, o Banco, como fiador, imediatamente efectuou,
como lhe cumpria, os devidos pagamentos e débitos, pelas suas importâncias, as três
pessoas indicadas.

4.º—Sucedeu, como consequência, que, ao mesmo tempo que o Banco era demandado
para cancelar aquele débito, por sua vez, propunha ele em juízo, a competente
acção para a venda judicial do citado penhor.

Ora esta venda judicial não convinha aos homens do *Século* que a evitaram com ha-
bilidade, como se vê pelo n.º 5 do comunicado que reproduzimos.

5.º—Em certa altura, a pedido dos devedores, foi um dos Directores do Banco—o
sr. Raúl Rodrigues Cohen—nomeado depositário das accções empenhadas; e, pouco tempo depois, foi pedida mais a mudança do depósito dessas accções para o Banco
de Portugal.

Evitada a venda judicial, os homeninhos do *Século* conseguiram que elas sejam depo-
sitas no Banco de Portugal, que é amigo, e, ligado pelo negócio escuro das notas,

consentirão decerto mais tarde em qualquer manobra favorável aos Pereiras da Rosa.

Mas como a entrega das notas ainda não foi feita, Rosa, Amzalak e Oliveira precipi-
tam-se no início de uma campanha de descrédito contra o Continente e Ilhas, cuja pri-
meira pedra foi o seu *suelto* de 11 do corrente que acima transcrevemos.

Mas antes de fecharmos esta explicação vamos contar aos leitores um pormenor
interessante.

Dissemos que *O Século* para caír nas boas graças do Banco de Portugal o poupou
na sua campanha, o adulou, etc. Há mais, porém. Levou a sua subserviência até ao ponto de
de preparar aquela célebre confissão de Alves Reis, obtida pelo xefé Xavier, que foi
muito reclamada pelos jornais e que, afinal, não fôr confissão nem causa que se pare-
cesse, mas um *film* grosseiro para fazer acreditar ao povo que Alves Reis e Bandeira
eram os únicos responsáveis da emissão secreta das notas de quinhentos escudos—que o Banco de Portugal encomendou.

Pois bem: Há dias um jornal afirmou que xefé Xavier tinha recebido 20 contos da
batota. O acusado apressou-se a desmentir a acusação. Que não senhor, que não tinha
recebido da batota. Os 20 contos que lhe foram parar às mãos eram provenientes do
Banco de Portugal, que com elas queria gratificar altos serviços que lhe prestara.

E sabem os leitores que serviços eram esses?

As torturas infligidas a Alves Reis para obter a tal confissão falsa!

E sabem os leitores quem foi o intermediário entre o Banco de Portugal e o xefé.

Xavier para que este recebesse a maquia?

O Pereira da Rosa...

ATRÁVEZ DA ÁFRICA

A situação política e financeira de África

Boatos de revolução e propósitos de autonomia—As qualidades e os êrros de Norton de Matos, e a administração estéril de Régio Chaves—Um "deficit" orçamental superior a 100 mil contos.

As graves responsabilidades dos governos da metrópole

Ao desembarcar em Loanda, logo nos primeiros dias, eu ouvi boatos de revolução,
com projectos téticos de expulsão de altos funcionários da província, ataques ao
Banco Ultramarino, tudo isto, dizia-se, apoiado por parte da guarnição militar. E o importante semanário *Notícias de Loanda* fez larga reportagem desse assunto palpitante.

Decorreram dias, e a projectada revolução—tal qual como aí na nossa Lisboa—não vinha para a ruá. Entretanto, como os boatos continuavam, eu procurei saber por alguém autorizado o que havia.

—Por enquanto—disseram-me—nada de importância. Apenas um grupo de pessoas que apoiadas por armas, poucos, militares, que pensaram em dar um golpe político que ficaria mais como protesto do que como movimento de ação.

—Entretanto—continuou o nosso excelente informador—pode afirmar que em Angola é tal o descontentamento pela política metrópole que aí na colónia, que há ambiente não só para uma, mas para dez revoluções. Simplesmente, tal revolução aqui não se realiza... porque, por mil motivos, se não pode realizar, e perderia, mesmo, todo o seu objectivo. Porém, se o abandono, a negligência, o abuso, a supina ignorância continuarem a impor-nos administração relaxada e incompetente, pode ser que um dia...

Realmente, estas palavras dão a exacta situação política de África—onde uns se queixam da administra

A OBRA DE NORTON

Alguns casos que definem a política de esbanjamentos e arbitrariedades que motivou o caos angolano

Um dos estabelecimentos públicos a que Norton dispensou maior atenção foi à Imprensa Nacional.

A razão disso compreendida estava nos planos do ferro ditador. Ali tinha de ir para tudo quanto ele desejasse, com ou sem precaução, confiante temporária ou eternamente, no todo ou em parte.

Não lhe convinha um Guilherme Lima a dirigir a Imprensa. Este desdoutado rapaz também não esperou pela exoneração — pediu antes da chegada do imperador, entregando a direção do estabelecimento ao seu sucessor. Convinha-lhe que a Imprensa fosse entregue a individuo de sua absoluta confiança, que o comprehendesse sem ele falar e satisfizesse todas as suas vontades, nem que para isso fosse necessário exigir ao pessoal o máximo sacrifício.

Mandou então que o seu amigo pessoal José Frederico Ferreira Martins deixasse o lugar de director da Imprensa Nacional da Índia para tomar conta da de Angola. E o sr. Ferreira Martins reunia todas as qualidades que ao general o tornavam preferido: era seu amigo íntimo e era um escritor público. Sobre a boa-vontade com que él recebeu a ordem da deslocação, isso explica-se, dizendo-se que ele representava o sr. Ferreira Martins a escada que él pretendia subir na sua carreira burocrática.

Chegado a Loanda, o novo director da Imprensa principiou por organizar os serviços, elaborando um regulamento orgânico que foi publicado anexo ao decreto 175, de 1921. O lugar de director desapareceu para dar cabimento ao de administrador, um tanto mais pomposo e lucrativo, visto que os vencimentos foram sensivelmente elevados.

Só a deslocação acarretou à província o despendo dum poucos de contos: nove passageiros para Loanda, oito da Índia e uma de Lourenço Marques, à custa da bolsa de Angola, que além do transporte da família e criada também custeou o da mobília.

Não seria mais lucrativo para a colónia aproveitar a competência técnica e a suficiente burocrática que havia nos funcionários da Imprensa? E porque se criou na Imprensa Nacional de Loanda um lugar de administrador, quando a de Lisboa tem um director?

E que o organizador sentia-se desorganizado se a superior direcção dos serviços públicos não estivesse entregue aos seus íntimos. E quando algum deles no exercício das suas funções desse provas de pouca

próprios, calculado em 23.000 contos — talvez de todos o mais importante, por ser o já proveniente do fomento dos caminhos de ferro, portos, minas, etc., o que representa sentiu autêntica valorização desse solo.

Mas todas as receitas da província, 1924-1925, num total de Esc. 101.914.000\$00, não bastam, ante a cifra das despesas previstas, dum total de Esc. 162.500.000\$00, e na qual pesam, só como encargo anual de juros e amortização de empréstimos, nada menos de Esc. 16.298.000\$00. Resultado: um «déficit» oficialmente declarado, na importância de Esc. 60.585.000\$00, mas que deve elevar-se a cerca de 100.000 contos, visto que os contos apurados ainda não foram, à data que escrevo, incluídos todos os encargos externos da província, em Portugal e na Inglaterra.

Desta situação financeira resultou, naturalmente, uma perturbação económica na praça, visto que o governo, carente de solver encargos externos, absorveu grande disponibilidade de cambiais. E depois seguiu-se a trágica procissão da desvalorização da moeda, da falta de transferências, da especulação desenfreada, do cerceamento do crédito, da vida cara, toda uma série de graves incidentes que trazem a província em ebulição e que perturbaram, embora passageiramente, a sua economia. Para acudir a todos estes encargos provinciais, e às necessidades do movimento comercial, que em 1924 já teve um volume de 609.000 contos, existe uma circulação fiduciária apenas de 80.000 contos (50.000 do B. N. U., e 30.000 do governo da Província) tudo moeda desvalorizada e insuficiente.

Esta situação de pânico, e algumas vezes de angústia, é completada pela perfeita inacção do Banco Nacional Ultramarino que, a-pesar-de ser aqui o Banco do Estado, ainda não tomou nenhuma solução energética, persistindo em defender os seus interesses e em enfrentar as dificuldades da província com um funcionamento antiquado: nada à altura de tão anormal situação.

Foi esta a política de Norton de Matos; mas a par dos seus desfeitos há que reconhecer-lhe notáveis faculdades de trabalho. Teve erros de vaidade, de visão, mas grandes recursos de actividade; e se continuasse no seu lugar, talvez que muitas dificuldades que surgem, él as tivesse dominado com a persistência, com prestígio e com o seu trabalho. Congestionou, aturdilhou Angola, mas projectou-a a uma grande distância, com estrondo formidável que se ouviu em toda a parte. Como Angola se não pode esfacelar, devido à sua reserva de riquezas naturais, quando passar a crise de tão tremendo choque, já longe do perigo, é possível que a crise só bermida a obra do primeiro alto-comissário, perdoando-lhe os erros.

Mas os adversários do general Norton de Matos também cometem graves erros de visão, com prejuízos para Angola. Quem faz a campanha política que estes fizeram, tinha obrigação de apresentar um candidato que garantisse uma administração superior à realizada pelo homem que queriam derrubar.

Norton, ao menos, soube errar e procurou fazer uma obra. Mas o segundo alto-comissário, o sr. Régio Chaves, esse não fez absolutamente nada, realizando uma obra de estagnamento, encerrado oito meses no seu palácio, como um rei doente e cismático, numa profunda inutilidade que causou tédio e passmo a toda a gente.

Porque o governo do metrópole lhe não deu meios para administrar? Mas quem vem como alto-comissário para qualquer colónia, ou traz todos os recursos para governar ou não aceita tão alta responsabilidade?

Positivamente de estagnamento, de absurda inacção, foi o reinado Régio Chaves, que marcou um zero como valor colonial.

* * *

A quem assistem as principais culpas destes descalabros? Toda a gente aponta os

A BATALHA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Variedades no Teatro Salão Foz

O Salão Foz voltou ao regime de espetáculos de variedades e fê-lo com meticulosidade, apresentando poucos números mas escolhidos. O número melhor é indubbiamente o do artista musical Selvaggio, artista muito perfeito, dum exactíssima afinação. A sinfonia «Poete et paysan» de Suppè, foi executada com um rigor que muitos grupos orquestrais invejariam. As irmãs Montenegro, em baileidos espanhóis, manteem-se muito certas e tomam atitudes devidas próprias dos números interpretados.

A dansaria francesa Desroses, no reportório do seu país, é uma artista fina, sem grandes esplafnatos, mas com um simpático ritmo.

Os nossos conhecidos Guilherme Caupers e Maria Corte-Real, afastados do teatro de declamação, onde se haviam estreado, cantaram e dansaram canções francesas, portuguesas e inglesas, algumas de muito espírito.

Deve-se fazer referência, também, ao jazz-band que nos intervalos toca números variados; principalmente o violino e o trompete são dois executantes curiosos e com muita aptidão de técnica e som.

Nogueira de BRITO

Festas artísticas

Palmira Bastos tem hoje, no Gimnásio, a sua récita de homenagem, que está despertando muita curiosidade, que já se exterioriza pela enorme procura de lugares estando, há dias, esgotados, muitos, de várias categorias. Para a sua récita escolheu Palmira Bastos uma peça delicadíssima, sentimental e apaixonada: é ela «O Rosário», extraída por Bisson dum romance célebre, e druidadíssimo, e vai representar-se, no Gimnásio, em tradução de Acácio de Paiva, que fará também apreciar as suas qualidades de primoroso poeta no prólogo alusivo à peça e intitulado «Esta literatura...» que Palmira Bastos recitará pela primeira e única vez.

A distribuição completa de «O Rosário», cuja encenação pertence a Gil Ferreira, é a seguinte:

Joana Campbell, Palmira Bastos; «Duke de Meldrum», Regina Montenegro; «Paulina Lister», Dina Ferreira; «Maria», Mercedes de Almeida; «Luis Dalmau», Tarcílio Vieira; «Dr. Brand», Teodoro Santos; «Dr. Machensia», Gil Ferreira; «Duke de Meldrum», Alegria; «Billy», Barroso Lopes.

Para a apresentação de «O Rosário» encenado a empresa do Gimnásio, cenários novos: foram pintados o do 1.º acto, por José Mergulhão, e os dos 2.º e 3.º por Leitão de Barros, que também dirigiu a montagem da peça, a cargo da Sociedade de Decorações Scénicas.

Foi adiada para a próxima segunda-feira a festa de homenagem à atriz cantora Alice Pancada, que amanhã à noite se deve efectuar no S. Luís, com a única representação da Princesa das Dólares, na qual a festejada desempenha, pela primeira vez, o papel de «Alice Conder».

Réclames

Repete-se hoje no Náutico a sensacional comédia «Papilon, o bom rapaz», que tanto êxito obteve ontem, devido a magnífica interpretação dada por todos os seus intérpretes.

Pela 1.ª vez, nesta época, representa-se hoje no Apolo a popular e interessantíssima peça «A Galderia», interpretando dois dos principais papéis Palmira Torres e Rafael Marques, estreitando-se na protagonista Ofélia Brochado. «A Galderia», é uma peça de empolgante entrecho e de pitorescos episódios, sendo assim intitulados os seus quadros: «Audiência secreta», «A rusga», «A experiência de médico», «Pai e filha», «Juiz e condenado», «O rapto» e «As duas irmãs». Para a récita de hoje os reduzidos preços dos bilhetes, no Apolo, são, também, sem locação.

— Estreiam-se hoje no Chiado Terrasse, os filmes Ricardito entre chamas e Bandidós, aventuras em 5 partes pelo atleta Ricardo Talmadge, Tempestade doméstica, 6 partes pelos esposos Carter de Haven e uma comédia em 2 partes.

— Nunca em Lisboa se exibiu um tão interessante programa como o que actualmente se está exhibindo no Coliseu dos Reis, antes da sessão do grande torneio internacional de luta que ali está a realizar-se. «As Morenitas», as simpáticas duetistas hispano-lusas, o notável «Pintor sem mãos» e os admiráveis coupletistas «Os Latinos», todos ouvem sempre os mais entusiásticos aplausos pelo seu trabalho. Hoje repete-se o programa.

— O S. João, a casa de espetáculos tão preferida do público, reúne actualmente condições, visto ter em cena «O Homem das 5 horas», a hilariante comédia que mantém a plateia em permanente gargalhada. O espetáculo é completado pela exibição da orquestra sul-americana, o aplaudido «Jazz-Bands» que delicia o público com as modinhas e canções do «folk-lore» brasileiro. No próximo domingo há matinée.

— A crítica assinala um novo triunfo para o Maria Vitoria com a representação do quadro novo da revista «Foot-Ball», «charge» de flagrante actualidade, «O Almocreve das Senhas». O desempenho confiado a Leal, Ruas, Santos Carvalho, Hortense e Carminda é primoroso e impagável, implicando uma verdadeira fábrica de galinhada.

Desastre grave

Alguns empregados da Companhia do Gás foram ontem, numa camionete, em passeio aos arredores. No regresso, ao passarem por Paia, a camionete voltou-se, ficando feridos Albino da Cruz, chefe dos serviços de contabilidade, sua mulher Henriqueta Cruz e sua nora Dulce e a servicial Amélia Pinto, todos residentes na rua José de Obidos, 2, 3.º; António Luís de Aguiar, electricista, sua mulher Maria de Aguiar e seus filhos Elvira, de 10 anos, Acácio, de 8, e Fernando, de 4, todos residentes na rua do Lumiar, 126 e, ainda, Adelaide Abreu e a menor Maria Gomes, também residentes na rua do Lumiar. No posto de observações do hospital de São José, morreu, pouco depois de lá chegar, Maria de Aguiar, e ficou internado Albino Cruz. A enfermaria n.º 5 do hospital da Estrela recolheram Adelaide Abreu e Dulce Cruz, e a n.º 1, Elvira Aguiar.

Os restantes feridos seguiram para suas casas depois de pensados

Últimas notícias

O CONFLITO OPERÁRIO NA INGLATERRA

Vai prosseguir a luta

LONDRES, 13.—O sr. Baldwin declarou hoje na Câmara dos Comuns que vai promover o reatamento das relações entre patrões e operários mineiros, prometendo manter a Câmara constantemente ao corrente das negociações.—L.

Discutem-se os factos posteriores

LONDRES, 13.—O sr. Macdonald declarou hoje na Câmara dos Comuns que estão sendo feitas várias tentativas para humilhar os grevistas, pedindo à Câmara que se oponha a qualquer tentativa em tal sentido.

O sr. Baldwin respondeu ao chefe trabalhista, dizendo que o momento não é para recriminações nem para triunfos, devendo esforçar-se todos por saírem o mais depressa possível das consequências da greve.

Referindo-se aos boatos dum projectado reajuste geral de salários, o primeiro ministro declarou que não favoreceria qualquer tentativa por parte dos patrões para aproveitar o actual momento para reduzir os salários ou aumentar o número de horas de trabalho, o que traria um agravamento da crise do desemprego.

Estas palavras foram especialmente dirigidas às companhias de caminhos de ferro, que consideram todo o seu pessoal como despedido e portanto entrando agora pelas mais baixas categorias e com salários inferiores aos antes da greve.

Relativamente ao ataque contra os «trades» de que o sr. Macdonald falou, o sr. Baldwin declarou que o não favorecerá.—L.

A conquista do Polo Norte

PARIS, 13.—Interrogado sobre a viagem ao polo norte, o explorador Charcot declarou ser uma admirável proeza e um exemplo de coragem e tenacidade, mas sem utilidade alguma científica se não trouxer indicações precisas sobre o espaço entre o polo e o oceano Barow.

A ciência beneficia de preferência com o polo sul, vasio continente encerrando, provavelmente, os maiores segredos da geologia.

O explorador Charcot declarou que em breve fará uma viagem de estudo ao polo sul.—(L.).

Revivendo as eras gregas

ATENAS, 13.—Revestiu-se de grande interesse a festa de homenagem a atriz cantora Alice Pancada, que amanhã à noite se deve efectuar no S. Luís, com a única representação de «Princesa das Dólares», na qual a festejada desempenha, pela primeira vez, o papel de «Alice Conder».

— Para a apresentação de «O Rosário» encenado a empresa do Gimnásio, cenários novos: foram pintados o do 1.º acto, por José Mergulhão, e os dos 2.º e 3.º por Leitão de Barros, que também dirigiu a montagem da peça, a cargo da Sociedade de Decorações Scénicas.

Foi adiada para a próxima segunda-feira a festa de homenagem à atriz cantora Alice Pancada, que amanhã à noite se deve efectuar no S. Luís, com a única representação de «Princesa das Dólares», na qual a festejada desempenha, pela primeira vez, o papel de «Alice Conder».

— Repete-se hoje no Náutico a sensacional comédia «Papilon, o bom rapaz», que tanto êxito obteve ontem, devido a magnífica interpretação dada por todos os seus intérpretes.

Pela 1.ª vez, nesta época, representa-se hoje no Apolo a popular e interessantíssima peça «A Galderia», interpretando dois dos principais papéis Palmira Torres e Rafael Marques, estreitando-se na protagonista Ofélia Brochado. «A Galderia», é uma peça de empolgante entrecho e de pitorescos episódios, sendo assim intitulados os seus quadros: «Audiência secreta», «A rusga», «A experiência de médico», «Pai e filha», «Juiz e condenado», «O rapto» e «As duas irmãs». Para a récita de hoje os reduzidos preços dos bilhetes, no Apolo, são, também, sem locação.

— Estreiam-se hoje no Chiado Terrasse, os filmes Ricardito entre chamas e Bandidós, aventuras em 5 partes pelo atleta Ricardo Talmadge, Tempestade doméstica, 6 partes pelos esposos Carter de Haven e uma comédia em 2 partes.

— Nunca em Lisboa se exibiu um tão interessante programa como o que actualmente se está exhibindo no Coliseu dos Reis, antes da sessão do grande torneio internacional de luta que ali está a realizar-se. «As Morenitas», as simpáticas duetistas hispano-lusas, o notável «Pintor sem mãos» e os admiráveis coupletistas «Os Latinos», todos ouvem sempre os mais entusiásticos aplausos pelo seu trabalho. Hoje repete-se o programa.

— O S. João, a casa de espetáculos tão preferida do público, reúne actualmente condições, visto ter em cena «O Homem das 5 horas», a hilariante comédia que mantém a plateia em permanente gargalhada. O espetáculo é completado pela exibição da orquestra sul-americana, o aplaudido «Jazz-Bands» que delicia o público com as modinhas e canções do «folk-lore» brasileiro. No próximo domingo há matinée.

— A crítica assinala um novo triunfo para o Maria Vitoria com a representação do quadro novo da revista «Foot-Ball», «charge» de flagrante actualidade, «O Almocreve das Senhas». O desempenho confiado a Leal, Ruas, Santos Carvalho, Hortense e Carminda é primoroso e impagável, implicando uma verdadeira fábrica de galinhada.

— O S. João, a casa de espetáculos tão preferida do público, reúne actualmente condições, visto ter em cena «O Homem das 5 horas», a hilariante comédia que mantém a plateia em permanente gargalhada. O espetáculo é completado pela exibição da orquestra sul-americana, o aplaudido «Jazz-Bands» que delicia o público com as modinhas e canções do «folk-lore» brasileiro. No próximo domingo há matinée.

— A crítica assinala um novo triunfo para o Maria Vitoria com a representação do quadro novo da revista «Foot-Ball», «charge» de flagrante actualidade, «O Almocreve das Senhas». O desempenho confiado a Leal, Ruas, Santos Carvalho, Hortense e Carminda é primoroso e impagável, implicando uma verdadeira fábrica de galinhada.

— O S. João, a casa de espetáculos tão preferida do público, reúne actualmente condições, visto ter em cena «O Homem das 5 horas», a hilariante comédia que mantém a plateia em permanente gargalhada. O espetáculo é completado pela exibição da orquestra sul-americana, o aplaudido «Jazz-Bands» que delicia o público com as modinhas e canções do «folk-lore» brasileiro. No próximo domingo há matinée.

— A

'A Batalha' na província e arredores

Ericeira

Inconsciencia de um operário

ERICEIRA, 12.—O sr. António da Costa Gaspar que monopoliza o serviço de transporte de passageiros entre esta vila e Sintra, precisou mandar fazer uma nova "carrosseria" para uma das suas camionetas, encarregando o industrial marceneiro Augusto Morais desse serviço.

Este, por sua vez entregou o serviço ao operário Tomás da Nazaré Júnior, que se comprometeu com um seu camarada da oficina a não trabalhar horas suplementares, chegando o mesmo a conspirar abertamente contra o "Grão Gaspar", por este a princípio tentado subornar. Há dias porém os colegas do Tomás verificaram surpreendidos que este faltava miserável e vergonhosamente ao compromisso trabalhando horas a mais.

E lamentável que este indivíduo, que se diz sindicalista revolucionário se preste a repugnante papel de traidor, neste momento em que uma grande crise de trabalho assorbe não só os trabalhadores da região portuguesa como do mundo inteiro.

Ainda para sua maior glória ultimamente o ditado operário tem colaborado em quaisquer as cegadas religiosas que aqui se têm exhibido, quer contribuindo monetariamente, quer transportando sobre o dorso os andares dos santos de pau.—E.

Mina de São Domingos

Odio que não cansa!...

MINA DE SÃO DOMINGOS, 10.—O gerente da Mina sr. Roskrow continua a perseguir sistematicamente os trabalhadores da mina, sendo duma vingança extrema para os operários mineiros propriamente ditos, e muito tolerante para os batoteiros engarravados que lhe lambem as mãos. Uma outra figura, o desengonçado chefe da esquadra, "um pingueiro" de nome Matos, moço de fretes bem remunerado vai adegaçando a sua moral já suja, contribuindo para a miséria dos trabalhadores instigando ou sendo instigado contra os operários Sindicados. Contra este chefe vai ser apresentada queixas à autoridade administrativa, com cuja sanção por certo já conta... Dizem-nos que se isto se não modificar os protestos irão mais adiante.

«O chiqueiro» da Serra

Os políticos continuam a afossar nesta velha questão procurando cada qual revolver com a tromba as "coisas a seu gosto. O chamado recenseamento "definitivo" (?) é um verdadeiro aborto, segundo dizem muitos dos que o têm observado de perto. Das plantas para a divisão dizem-se coisas boas... Verdade porém é que ainda não ouvimos uma opinião abalizada. «Mereceu os elogios do ministro da Agricultura?...» Ora... Ora... não nos esquece os elogios de certo ministro à obra suja do ex-delegado do governo quando veio inquirir da justiça das reclamações dos mineiros... Seja como for, não restam dúvidas de que este assunto, que tanto briga contra a lógica anda ao sabor das trombadas dos políticos jesuítas e democráticos, nos actos irmanando-se.

A taberna e a igreja

A vida dos mineiros, consequência da sua ignorância atávica e da desproporcional abundância de tabernas, é de completo relache e falta de cumprimento dos seus mais humanos deveres, sendo raro o dia que não hâ teimas ou desordens entre os próprios trabalhadores dando motivo a que corram presurosos os "mantenedores da Ordem" que prendem estas vítimas eternas, e o chefe Matos charaviscador da Empresa para dar largas às torpezas do seu amo... Como nos entreiste este embrutecimento coidianal... E os mineiros porque não nos seguem no combate incessante à taberna?

Aproveitando deste entorpecimento proveniente do álcool o debochado padre Brito (este padre tem muito que lhe digam...) e seus sequeiros, alentados pela Empresa e conservadores do burgo, vão espreguiçando-se sobre o dorso dos trabalhadores atraindo para a igreja as pobres crianças... Oh! o contraste entre a nobreza dos princípios que preconizamos, a vida desta gente e a onda negra!—C.

Uma tentativa de fuga frustrada

Na Penitenciária de Lisboa, projectavam os presos da ala D, uma fuga que devia realizar-se a noite passada, para o que haviam já aberto um caminho subterrâneo que, partindo de uma retrete que se encontra permanentemente fechada por se não fazer uso dela, ir daí saída a umas terras próximo de Campolide. Descobertos porém, foi o caso comunicado surpreendentemente e assim evitada a fuga de grande número daqueles.

Suspeitando, porém, os presos de que o facto lôra denunciado pelo recluso nº 43, da mesma ala, José Loureiro, de 40 anos, natural de Lisboa, sapateiro que se encontra naquela cadeia a cumprir pena maior, por homicídio voluntário, e que ali desempenha as funções de "fachina", quando este entem à tarde, transportava um taboleiro com as dietas da refeição do jantar, para os mesmos presos, foi ali agredido com uma profunda e grande facada no ventre, pelo recluso nº 28 também da ala D.

Reclamados socorros para a Cruz Vermelha compareceu ali imediatamente um auto-mácas daquela Sociedade, no qual o feito foi transportado ao Hospital de São José, em cujo Banco foi operado pelos drs. José Paredes, Henrique Rua e Bastos Gonçalves, recolhendo em seguida, em estado grave, à Sala de Observações.

DESPORTOS

FUTEBOL

O Sporting triunfa do Racing

No Campo Grande, ontem, exibiu-se o «onze» espanhol Racing, de Madrid contra o Sporting. O jogo decorreu sem brilho, observando-se poucos momentos em que se efectuasse bom fôlego. Dentro da maré jogado, foi o Sporting ainda assim, quem soube aproveitar melhor as poucas ocasiões que teve para marcar. Exercer maior domínio mas a defesa do Racing foi eficaz, especializando o guarda-redes.

Serra e Moura marcaram a primeira bola, a poucos minutos do fim do primeiro tempo, de maneira imparável; a segunda, em igualdade de circunstâncias perto do termo dos noventa minutos de jogo.

E mais nada digno de registo. A arbitragem do sr. Ivo Torres de Sousa descuidada prejdicando um tanto o grupo espanhol.

No sábado, nas Amoreiras, o Racing defronta-se com o Benfica. O desafio começa às 18 horas.

Operário Futebol Club comemora o seu 5.º aniversário

No próximo domingo terá inicio as festas comemorativas do quinto aniversário deste Clube, com sede na rua do Cardal, à Graca, constando o programa de alvorada às 8 horas da manhã; bodo aos pobres às 11 horas, sessão solene às 15, abrillantada pelo sexteto Os Lusitanos, seguida de um copo de águas oferido aos componentes das suas quatro categorias que disputaram o Campeonato da Promoción e abertura da quermesse, havendo por fim baile. As festas comemorativas prosseguirão nos dias 23 e 30 do corrente mês, com um programa desportivo interessante, pela natureza das provas de atletismo e alguns desafios, de futebol.

Para o bodo recebemos três senhas, gentileza que agradecemos.

Torneio internacional de luta

Zbyshko, o colosso atleta russo que lançou um repto a todos os concorrentes do torneio internacional de luta que se está disputando no Coliseu dos Recreios, tem hoje ali mais um dos seus combates. E seu adversário um dos mais fortes e mais brilhantes lutadores que se encontram em Lisboa, o mandchuriano Weintraub, homem sem dúvida capaz de causar a Zbyshko uma surpresa desagradável. Pelo menos há de ser bem difícil ao orgulhoso hercules dominar tão perigoso antagonista no curto lapso de tempo marcado.

De glane, o prodígio vencedor da oitava olímpica, que já há dias não vemos lutar, reaparece hoje no ring, batendo-se com um adversário de respeito, o tcheco Spewazeck, talvez o homem mais violento que figura neste torneio. Vai ser este sem dúvida um dos mais empolgantes combates que o torneio nos pode oferecer.

Vago luta com Manuel Gonçalves. Todo o interesse desta luta reside no facto de podermos apreciar até que ponto vão as notáveis qualidades de resistência do nosso campeão.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuals of ofícios

Galvanoplastia..... 18\$00
Motores de explosão..... 20\$00
Navegante..... 16\$00
Cimento armado..... 25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções..... 16\$00
Alvenaria e Cantaria..... 13\$00
Edificações..... 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações..... 13\$00
Materiais de construção..... 20\$00
Terraplenagens e alicerces..... 13\$00
Trabalhos de Carpintaria..... 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas..... 20\$00
Fogueteiro..... 16\$00
Formador de estuador..... 12\$00
Fuidor..... 13\$00
Pilotagem..... 16\$00
Indústria alimentar..... 12\$00
Indústria do vido..... 12\$00

Elementos gerais

Algebra elementar..... 13\$00
Aritmética prática..... 15\$00
Desenho linear geométrico..... 12\$00
Elementos de electricidade..... 30\$00
Elementos de física..... 12\$00
Elementos de Mecânica..... 12\$00
Elementos de Modelação..... 12\$00
Elementos de Projeções..... 16\$00
Elementos de Química..... 12\$00
Geometria plana e no espaço..... 13\$00
Fabricante de tecidos..... 13\$00

Mecânica

Tornelha e Frezador mecânicos..... 15\$00
Desenho de máquinas..... 25\$00
Materiais agrícolas..... 13\$00
Nomenclatura de cadeiras e máquinas a vapor..... 13\$00
Problemas de máquinas..... 16\$00

Livros em espanhol

A venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00

La Revolucion Social em França, Miguel Bakunin, (2 volumes) 12\$00

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri..... 2\$00

La Ucrânia revolucionária, Agustín Souchy..... 2\$00

Anarquismo e organização, Rodolfo Rocker..... 2\$00

Entre campeões, E. Malatesta 1\$00

Miguel Bakunin, J. Guillaume 1\$00

Los anarquistas (Estudo e repórt) 1\$00

Lombroso e Mella..... 1\$00

Erico Malatesta, Max Nettlau..... 1\$00

Artistas e Rebeldes, R. Rocker 1\$00

Nicolai, Romain Rolland..... 1\$00

«Soviet or Dictadura?» Varin..... 1\$00

El Estado moderno, Kropotkin 1\$00

Dictadura e Revolucion, Luiz 1\$00

Bolshevismo e Anarquismo, Rodolfo Rocker..... 1\$00

Problemas universitários, Leão 1\$00

La Revolucion, José Torralvo 1\$00

Dios y el Estado, M. Bakunin 1\$00

Paginas selectas, Multatuli..... 3\$00

Ensaios y Conferencias, Pedro 3\$00

Gori..... 2\$00

Dois anos em Russia, E. Goldman 2\$00

Quinet, Falazay..... 1\$00

La pena de muerte, G. Alomar 1\$00

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro..... 1\$00

El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro..... 1\$00

Acción Directa, por Angel Pestaña 1\$00

Acção Directa, por Angel Pestaña 1\$00

MARCO POSTAL

Chança. — Manuel da Cunha Garcia: Recebemos 19\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

AGENDA

CALENDARIO DE MAIO

	1	11	15	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 5,26	
Q.	13	20	27	Desaparece às 19,40	
S.	14	21	28	1 A.S. DIA 1	
S.	15	22	29	1. C. dia 23 a 11,49	
D.	16	23	30	Q.M. 5 * 3,15	
S.	17	24	31	L.N. 31 * 22,55	

MARES DE HOJE

Frajamar a 4,21 e às 4,49
Baixamar a 9,5 e às 10,10

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	282,5	
Paris, cheque...	862	
Sírfia, ...	557,5	
Bruxelas cheque	62,5	
New York, ...	19500	
Amsterdão, ...	7587	
Itália, cheque ...	378,5	
Brasil, ...	2985	
Praga, ...	585,5	
Suécia, cheque.	523	
Austria, cheque	257	
Berlim, ...	4507	

ESPECTÁCULOS

Teatro
Nacional
Alegria, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rina, vidas urânicas—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pela e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—11 e às 5 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Enilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Dente X—Dr. Alvaro Salanha—4 horas.
Andradas

A BATALHA

A verdade é um bem comum e todo aquele que a possui o deve aos seus irmãos.—BOSSUET.



O governo inglês não quer pronunciar-se sobre a legalidade da greve geral

Ao mesmo tempo que terminava a formidável greve geral que tanto angustiou o capitalismo britânico, discutia-se na Câmara dos Comuns se a greve teria sido ou não legal. As autoridades governamentais, porém, não quiseram pronunciar-se, o que parece sintomático da enorme força que o operariado deslocou nos seus movimentos, a sua tendência revolucionária para a luta de classes e, ainda, uma ameaça terrível que se torna necessário prever.

Contudo, o attorney geral declarou na oficial *British Gazette* que a declaração de greve fôr um desafio ao governo legal e à constituição do país. As negociações seriam reatadas desde que a ordem da greve geral fosse anulada.

Apesar de todo o seu poder, toda a organização burguesa discutiu quâsi em pé de igualdade com a organização operária. Assim, os dirigentes das igrejas cristãs esforçaram-se numa missão conciliatória, tendo apresentado aos contendores a seguinte plataforma:

A ordem de greve geral seria anulada.

O governo oferecer-se-ia para subsidiar a indústria carbonífera durante um período renovado.

Os avisos previos afixados pelos patrões seriam também retirados.

O governo procurou logo impedir a difusão radiotelegráfica desta notícia e fez saber que tais propostas eram inaceitáveis.

A greve geral terminou realmente sem condições. Mas o facto do governo reatar as negociações mostra a sua disposição de não considerar ilegal a declaração de greve, o que, segundo as leis, impede o castigo de quantos hajam dela participado ou tomado iniciativa, desde que não tenham praticado qualquer acto violento ou agressivo.

Um manifesto aos mineiros da região portuguesa

Editedo pela Confederação Geral do Trabalho, foi distribuído à classe dos mineiros um manifesto vibrante, do qual transcrevemos os seguintes períodos:

«Longe de nós, na grande Inglaterra, travou-se há dias a mais formidável das lutas empreendidas pelos escravos do sub-solo contra os senhores. São 4 milhões de irmãos nossos, como nós explorados, como nós escravados no seu constante labor, que ouviram, num gesto que enobrece o proletariado mundial, insurgir-se contra a garrada do capitalismo que, para saciar-se de ouro, ciosu impôr uma redução nos já insuficientes salários e um acréscimo de horas de trabalho.

O momento que passa é solene, mineiros de Portugal!

Os vossos e nossos irmãos, mineiros ingleses, êsses 4 milhões de gigantes, que na luta pela vida jogam a situação de outros tantos milhões de famílias que são sua gente, detêm nesta conjuntura o triunfo das reivindicações dos proletários de todo o mundo!

O capitalismo, êsse monstro devorador de todas as energias, forjador das guerras e dos massacres, da miséria e da dor humana, sente oscilar o seu ignominioso pedestal. Mais forte do que o ouro — «produto do trabalho não pago» — que é avançado acumula nos cofres fortes o braço do trabalhador. O pavor cedeu lugar ao riso sôbranceiro e escarninho com que a burguesia tem acolhido as manifestações proletárias.

São os mineiros ingleses que, com um simples cruzar de braços, impõem ao mundo uma nova directriz, exigindo dos exploradores mais respeito pelos explorados.

Aleitados pelo seu gesto, entusiasmados com a alegria que êles puseram na sua luta, sentimo-nos neste momento animados para bradarmos aos mineiros portugueses:

Escravos do sub-solo, homens que nas profundidades da terra e em luta constante com a morte buscam a seiva que anima toda a vida industrial; seres que pelo aspecto viscoso que vos dâ a profissão nobre que exercem, pelo sangue negro que a violência do trabalho vos arranca dos peitos, tão afrontados sois por quem vos explora, erguei-vos, sois gente com direito à vida! Organizai-vos, pois, dai-vos as mãos como irmãos que sois do mesmo sofrimento!

A grande luta dos mineiros ingleses é produto dumha organização forte, isolados êles teriam de sujeitá-se a todas as extorsões que os ladivazes proprietários das minas, ajudados pelas forças governamentais, quissem impôr-lhes. Para defendêrem-se, os mineiros agremiaram-se em associações, em federações, e estabeleceram estreitos elos de solidariedade com as restantes classes proletárias da Grã-Bretanha, no seu da sua central operária — as *Trade-Unions*.

Sabímos todos seguir o exemplo dos mineiros ingleses!

«O capitalismo que vos explora não faz uso das fronteiras que nos impõe para nos dividir e vencer! Pois démo-nos também as mãos! Somos o trabalho, a fonte inexaurível da vida! Unamo-nos e vencere-mos!»

A greve cessou subitamente

LONDRES, 13. — No final da reunião do comité executivo dos mineiros, esta tarde, o sr. Cook, secretário da Federação, declarou que o Congresso dos *Trade-Unions* resolviu terminar a greve geral em virtude dos trabalhistas se recusarem a consentir na declaração da greve dos operários manipuladores de pão e dos operários dos vários géneros de iluminação. — (L.)

A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Impera em Moçambique a mais torva tirania, com todas as garantias constitucionais suspensas

Azevedo Coutinho, segundo as notas oficiais publicadas nos jornais, foi mandado regressar à Metrópole, mas porque não temos notícias do seu embarque e conhecemos de mais as habilidades do chefe do governo e a passividade do ministro das Colónias, não deixa de ser ainda oportuno relatar o que continua a passar-se em Moçambique.

A imprensa oficial do *alto comensal* Azevedo Coutinho, aquela que se tem alinhado a todos os sacrifícios das transferências arrebatado no «saco sem fundo» do Conselho de Câmbios, — noticiou que tudo havia terminado quanto ao movimento grevístico de Lourenço Marques; o *Jornal do Comércio*, porém, na sua última edição, corrige as afirmações da corneta governamental numa cautelosa e curta local assim concebida:

«Segundo os informes que conseguimos colher, a situação permanece quâsi que inalterável não obstante a afirmação feita por um jornal local de que tudo terminou quanto ao movimento grevístico iniciado em 11 de Novembro. O jornal que o diz, lá o sabe, e não seremos nós quem ouviremos contradizê-lo. Tanto as buscas como a vigilância aturada a determinadas pessoas parece que têm continuação; tendo sido incomodadas famílias pacatas que causa alguma tiveram ou têm com a greve. Dizemos-nos que a Capitania está sendo instaurado um processo disciplinar motivado pelas correspondências que tem publicado o jornal operário de Lisboa, *A Batalha*. — Este jornal gosa, mercê da lei da imprensa em vigor na Metrópole, de outra liberdade que não aquela que os são coartados pela lei que entre nós ainda impõe. Estamos coactos, coisa alguma podemos dizer do muito que sabemos e do que a nossa inteligência nos sugere e dita, enquanto sobre as nossas cabeças continuam pendentes a espada afiada. Um dia virá, e cremos que não venha distante, em que tudo será esclarecido porque alguém se encarregará de fazer a história verdadeira e detalhada dos acontecimentos que desde 11 de Novembro a todos têm preocupado. A liberdade de pensamento e a sua livre manifestação a dentro dos limites que a lei estabelece ressurgirá um dia. E' significativo. O *Jornal do Comércio*, embora amordacado, tem mantido, através dos mais duros sacrifícios, a sua publicação, — causticando cautelosamente a torva e nefasta situação política e administrativa criada e alimentada pelo *Nero de Moçambique* e seus esbirros.

Os jornalistas de *O Direito*, com as cabeças a prémio, fiveram de procurar na lama a sua liberdade; os jornalistas de *O Emancipador* viram-se deportados uns, andam outros a monte... e assaltaram-lhes a casa, apoderaram-se do seu material tipográfico; outros homens que, em panfletos, teciam na proclamação da verdade, tiveram de se internar no mato, acossados como feras; e até aqueles que, não se entregando às lides da imprensa, não se mostravam contudo dispostos a amordacar a língua e a trair amigos, continuam com a cabeça a prémio, como sucedeu com um comerciante de Tenga.

Os despotas, não contentes ou não satisfeitos com as perseguições hediondas que vêm cometendo, e entre as quais avulta a de novas deportações para o norte da província, — espumam cada vez que *A Batalha* ali chega retalhando-lhes os lombos com prosa verdadeira e flageladora; e para ver se alcançam uma desforra infame, de punhos

são dum subsídio aos que não possam ser transferidos, o qual se obtém por meio duma sobretaxa nos preços, destinada ao pagamento dos desempregados. — (L.)

As condições da paz

LONDRES, 13. — Sir Samuel, interrogado pelos jornalistas, declarou que as negociações devem ser reatadas com um salário prévio, a não ser que se dêem suficientes garantias de que as medidas de reorganização propostas pela comissão de estudo serão efectivamente adoptadas.

Sugere-se que uma comissão consultiva a repartição de salários assegure os passos necessários para tal fim, para que o estudo da situação não seja indefinidamente adiado.

O memorandum sugere um acordo sobre salários em mais simples linhas que os anteriores, dependendo apenas da federação dos mineiros, — os mineiros agremiaram-se em associações, em federações, e estabeleceram estreitos elos de solidariedade com as restantes classes proletárias da Grã-Bretanha, no seu da sua central operária — as *Trade-Unions*.

Se ela se não der, as minas continuarão paradas, a não ser que o governo renove o subsídio para salários. — (L.)

Porque terminou a greve?

LONDRES, 13. — Parece que o conselho geral do congresso dos *Trade-Unions* resolviu terminar a greve geral em virtude dos trabalhistas se recusarem a consentir na declaração da greve dos operários manipuladores de pão e dos operários dos vários géneros de iluminação. — (L.)

Os mineiros vão reunir-se

LONDRES, 13. — Pela Federação dos mineiros foi convocada para segunda-feira a conferência nacional dos delegados de todas as regiões. — (L.)

Só agora volta a normalidade

LONDRES, 13. — Todo o país retomou hoje o seu aspecto normal de trabalho. No entanto, as medidas excepcionais não serão levantadas antes dealguns dias terem passado sobre a terminação da greve geral. — (L.)

Prisioneiros de guerra

LONDRES, 13. — Em consequência de desordens provocadas pelos mineiros em Doncaster, a polícia efectuou 80 prisões. — (L.)

ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados

CASA PALISSY GALVANY

Rua Serpa Pinto, 5

Entre outras propostas, o «memorandum refere-se à assistência dos mineiros desempregados, ficando a cargo do governo a deslocalização dos trabalhadores das minas encerradas ou anti-económicas e a concessão

erguidos e de olhar tigrino fitando o espaço imenso que nos separa, abrem inquéritos, coñecem processos disciplinares.

Inquéritos para quê, sr. ministro das Colónias? Porque inquéritos ordenados por Azevedo Coutinho e organizados pelos seus súditos, não podem deixar de ser peças monstruosas, repletas de mentiras a desculpar inúmeras atrocidades praticadas pelos agentes do poder.

Desde a primeira hora vimos na verdade pedindo um inquérito à ação criminoso e que, no caso afirmativo, este projecto seja unicamente aplicável aos navios de emigrantes?

2.º Quais são as medidas que os governos propõem em vista de simplificar a inspecção dos emigrantes?

3.º Quais seriam as funções, títulos e qualidades do inspector único que um tal projecto recomenda, contendo igualmente uma cláusula estipulando que o inspector único não deverá diminuir em nada a autoridade do capitão do navio?

4.º Estimam os governos que uma cláusula deverá ser inserida no projecto pela qual, a bordo de qualquer navio de emigrantes transportando um certo número de emigrantes falando uma determinada língua, deverá achar-se pelo menos uma pessoa falando este idioma a qual poderá servir eventualmente de intérprete?

5.º Deverá este projecto conter uma cláusula especificando que, a bordo dum navio de emigrantes, transportando um determinado número de emigrantes adolescentes, deverá achar-se uma pessoa idónea e capaz de distribuir a estes adolescentes a assistência moral e material que elas poderiam necessitar?

Até meados de Março tinham respondido 22 governos. Na maioria concordaram com a possibilidade de simplificar a inspecção dos emigrantes a bordo, apenas divergindo-se as decisões da IX Conferência Internacional do Trabalho, que vai tratar do assunto, devem ser convertidas em convénio ou em recomendação. Por tal motivo a Repartição supracitada elaborou dois textos — os quais foram enviados aos delegados e conselheiros técnicos que devem tomar parte na conferência.

Estes textos servem de base para os trabalhos dos técnicos. Segundo o texto de convénio os governos comprometem-se a organizar um serviço de inspecção e protecção aos emigrantes a bordo dos navios. Segundo artigo 3.º:

«No caso que um inspector oficial seja delegado a bordo dum navio de emigrantes, ele será nomeado, em geral, pelo governo da nacionalidade da embarcação. Entretanto, este inspector poderá ser nomeado, em virtude dum acordo especial, por um outro governo ou outros governos cujos nacionais são emigrantes a bordo do navio. Quando o governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, não tiver realizado esta nomeação, o direito de nomear o inspector caberá sucessivamente aos governos dos países dos portos de embarque». O artigo 5.º diz que «o inspector fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que sejam respeitados os direitos concedidos aos emigrantes pela lei do país da nacionalidade do navio, os acordos internacionais e os contratos de transporte. O governo da nacionalidade do navio, ou qualquer outro governo com o qual um acordo foi feito para a nomeação do inspector, fará com que